

## O ESCANDALO DOS ESCANDALOS!

# Pretende-se com uma revolução estrangular a voz da Justiça!

**Os criminosos da alta finança e da reles política estão desmascarados.—António Maria da Silva, presidente do ministério—capa de ladrões.—Elementos políticos conservadores afectos aos falsários do Banco de Portugal e do Ultramarino preparam na sombra uma revolução destinada a liquidar os que apontam ao povo o nome dos maiores criminosos!—Não esqueçamos que António Maria da Silva é o mais hábil empresário de revoluções tenebrosas**

Os homens dos Bancos tiveram para com *A Batalha* uma atitude que nos curaria de cegueira, se porventura, nesta questão, não tivéssemos tido desde o princípio os olhos muito abertos: compraram-nos. *A Batalha*, o seu suplemento de anteonte, contendo o discurso na íntegra do deputado socialista sr. Amâncio de Alpoim, foi adquirido na Baixa, no maior número possível de exemplares, por emissários dos Bancos que ainda supõem que este escândalo que os afoga em lama pode ser abafado pelo seu oiro.

Porque publicou *A Batalha* o discurso que acusava o Banco de Portugal? Publicou-o, porque a imprensa burguesa, sem distinção de matizes políticos, se coligara para que ele ficasse desconhecido de todo o país; publicou-o porque ele confirmava em absoluto a nossa campanha, reforçava-a com a autoridade incontestável dum homem que pertence ao parlamento e é ainda um dos administradores da Caixa Geral dos Depósitos; publicou-o para que os trabalhadores soubessem de que lama são feitos os seus exploradores e os seus carrascos; publicou-o demonstrando que as nossas acusações são verdadeiras, que os do Banco de Portugal são uns falsários que, desvalorizando a moeda, diminuem os nossos salários; publicou-o para demonstrar que a sociedade burguesa é composta de várias quadrilhas de ladrões que entre si disputam a nossa pele, o nosso sangue e a nossa carne, e que todas elas absorvem todas as nossas energias e nos dão em troca as deportações, os espancamentos e os assassinatos sem julgamento.

Publicando este discurso *A Batalha* honrou-se, honrando a causa que defende e as classes de que é órgão, demonstrando que é o único jornal que não tem ladrões e assassinos a menor cumplicidade. E desde já advertimos que a nossa voz não se cala; aquela coragem não é uma figura de retórica e os bandalhos que são «os homens de bem» sabem muito bem que para nós o seu cofre não tem a menor influência. E de resto ninguém quereria sofrer o desaire de ir violentamente pelas escadas abaixo que era esta a única resposta que a-pesar-da nossa correcção, saberíamos dar a lacaios que julguessem que a moral desta casa é a de João Pereira da Rosa ou que *A Batalha* é, como *O Século*, um órgão de exploradores.

E é tão grande a nossa força moral, são tão verdadeiros os factos esmagadores até hoje apontados que nenhum grilheta ousou atacar-nos nas colunas dum imprensa cuja moral não tem comparação com a dos luponares do bairro aqui próximo.

**E é preciso que o povo fique bem elucidado**

Esta campanha teve desde o primeiro dia um grande objectivo social: desmascarar os que roubam os trabalhadores e apontar-lhes a podridão em que se encontra uma sociedade que diariamente os

mente os rouba e os assassina. Quisemos ainda fazer salientar que em Portugal só há uma única classe limpa de mãos e de processos, vivendo únicamente do que trabalha. Hoje, embora continuemos surzindo, sem piedade, os falsários e os ladrões, podemos, e sem a menor porção de vaidade, gritar a plenos pulmões que fizemos a esta sociedade uma autópsia vigorosa, cheia de factos, uma autópsia que compromete a sua existência, uma autópsia que prova, e prova sem contestação, que a maioria das pessoas que ali se estadeia, de automóveis luxuosos, é composta de ladrões, de ladrões não à face do nosso critério de justiça, mas à face das próprias leis burguesas. Os homens que em nome dos Códigos nos impedem o direito à vida, são à face dos mesmos códigos ladrões autênticos. A sociedade burguesa é uma sociedade de presidiários. A própria moral burguesa que assentava em muitas corrupções e que sancionava muitas iniquidades, corrompeu-se de tal modo, descer tanto que se condonam a si mesma. E se aparece algum burguês honesto a burguesia dos Magalhães, que supõe que os burgueses ainda aplicavam a si mesmos aquelas leis que eles decretaram para tornar possível a manutenção desta sociedade em que predominam indivíduos que parecem ter sido gerados para todas as penitenciárias morais e materiais.

O caso do Angolo e Metrópole é restrito para a nossa campanha. Não foi para tratar exclusivamente dessa burla que iniciámos esta série de artigos em que a violência brota dos factos e as palavras são apenas os sinais indicadores dum podridão que envolve tudo e todos.

Foi para fazermos o processo a todos esses bandos de rapiantes que saíram da guerra, foi para revelar que a vida portuguesa assenta no roubo impune e no crime impune; foi ainda para estilhaçarmos todas essas reputações falsas que à custa da miséria dum povo têm vivido e enriquecido. Quisemos demonstrar, finalmente, que o Estado é cúmplice de todos esses bandos e os políticos uns meros caixeiros submissos e corrompidos. E conseguimos provar todas estas tremendas acusações. De hoje em diante nenhum trabalhador pode alegar ignorância ou achar que ninguém lhe disse o que era a mentira da finança, a mentira da política e a mentira da imprensa.

### António Maria — capa de ladrões

As declarações do dr. Pinto de Magalhães confirmam em absoluto, sem a alteração dum pormenor, tudo quanto vimos dizer sobre o caso do Angolo e Metrópole e a ligação que este tem com o Banco de Portugal. Eles estão culpados. O país já os sabe, e é tarde para se pôr pedra sobre o assunto. Todas as tentativas de protecção aos grandes criminosos, cujos nomes mais

conhecidos são os de Inocêncio Camacho e Mota Gomes, resultarão inúteis, senão contraproducentes.

Entretanto, o que está mais do que provado é que a pessoa que há poucos dias afirmou no parlamento que «o governo não é capa de ladrões» se tem empenhado comprometedoramente em encobri-los. O sr. António Maria da Silva tentou imiscuir-se nas investigações para desviar o dr. Pinto de Magalhães do caminho da verdade. O sr. António Maria da Silva está «sendo capa de ladrões». Quem encobre ladrões iguala-se aos ladrões. Quem se substituiu com ladrões é ladrão também.

Examinem-se com atenção as declarações do dr. Pinto de Magalhães e compreender-se-há que, neste país, os governantes cometem o crime, pelo qual são responsáveis, de proteger criminosos. Toda a gente honesta tem o direito de exigir responsabilidades a esse fantoche da política, de barba à criminoso célebre, que, num impudor ultrajante para todos nós, se permitiu gaguejar um discurso que outro objectivo não teve senão o de salvar da cadeia ou do degrado os criminosos, os falsários que se acoitam na administração do Banco de Portugal e lá castigam o dinheiro que é trabalho, que é sangue, que é a própria vida dum povo sacrificado.

Perante a atitude impudica dum presidente de ministério cúmplice de ladrões e falsários, é lícito perguntar:

Onde se meteu a vergonha? Onde está a gente honrada deste país?

### Os grandes ladrões estão à solta

As declarações que o dr. Pinto de Magalhães fez ontem à *Tarde* são concluintes. Sem mais delongas vamos transcrever as passagens que neste momento nos interessam:

— Não há juiz nenhum no meu país—diz o dr. Pinto de Magalhães—homem de carácter recto, que não julgue suficientes para a pronúncia os elementos que no processo existem contra o governador e vice-governador do Banco de Portugal. O próprio governo está convencido disso, pois na reunião do conselho de ministros em que expuz as conclusões dos meus trabalhos quatro ministros manifestaram-se pela prisão imediata dos dois. A maioria porém foi de parecer que antes de se efectuar a prisão, deviam ser substituídos, ficando sr. ministro das Finanças de o fazer rapidamente. Foi por isso que eles não foram presos logo a seguir. Se o fôssem já a esta hora tudo estava esclarecido — a sua culpabilidade ou inculpabilidade.

— Mas o sr. António Maria da Silva não ratificou a v. ex. a confiança?

— Sim. O sr. António Maria da Silva prometeu-me tudo...

Este mundo e o outro. Para isso bastava... seguir as suas indicações.

— As suas indicações?

— Sim. O sr. António Maria da Silva, esquecendo-se da sua situação de ministro, procurou intrometer-se nas investigações, orientando-a seu belo prazer. Como eu não me esqueço do que devo à minha dignidade e à magistratura a que pertencia... substituiu-me.

São bem claros os intuições de António Maria da Silva—homem tenebroso de mentalidade restrita, a quem o país deve várias revoluções fraticidas e uma boa parte da sua ruína.

### Prepara-se uma revolução vergonhosa

E os intuições de António Maria da Silva são tão tenebrosos que, se os ligarmos a uma informação que em boa fonte colhemos, o plano maquiavélico patenteia-se claro ante os nossos olhos.

Somos informados de que uma revolução está sendo preparada activamente. Dentro de 24 ou 48 horas talvez o povo português acorde perante o triunfo completo do crime.

Sabemos quais são os elementos que nessa revolução colaboram. São todos os afectos ao Banco de Portugal.

Quais os intuições desse movimento imoral, vergonhoso, prémamente condenado pela opinião pública? Bem simples são: salvar os grandes falsários do Banco de Portugal e do Banco Ultramarino. Como? Fazendo desaparecer as criaturas que descobrem o jôgo infame e, entre elas, Alves dos Reis e José Bandeira, que podem comprometer muita gente.

Lançamos a público esta prevenção. O povo que saiba responder ao crime com energia e decisão. Seria o címulos dos címulos que os ladrões, os bandidos praticassem tóda a casta de infâmias e, quando a opinião pública começa a censurá-los, lhe puzemos a mordça sangrenta de uma revolução paga com o dinheiro de todos os roubos e de todas as falsificações. Seria o címulos!

Quando terminará esta era de imoralidade e de abjeção?

Um país que chega a tal estado de coisas — é um país perdido. E' um país perdido senão tiver forças para reagir e para acabar, neste momento máximo, com todos os crimes e todas as traições.

Neste momento incerto em que nas alforjas políticas e financeiras criminosas, se planeia o último assalto à garranha da nação para que não proteste, para que não comente as fraudes, para que não insulte os bandidos—confiamos esperançados na energia popular.

Povo, defende-te!

## A miserável obra dum bando de abutres está produzindo os seus funestos efeitos

As consequências da criminosa indiferença dos governantes não tardarão que surjam, não tardarão que se patentem à clara luz do dia. Depois não faltará quem venha assumir responsabilidades aos organismos operários, depois não faltará quem venha dizer que a agitação que ruge ameaçadora é obra dos bolchevistas e é alimentada pelo ditinheiro russo...

Os responsáveis da situação, os causadores de tanta fome gorarão de palanque os benefícios da sua sinistra obra, enquanto a força pública ao seu serviço acutilará os que ousem gritar a sua desdita.

\*\*\*

Um outro problema, e um problema também bastante grave, é o da baixa de salário que criminosa e industrialmente vem tentando por todo o país. Em quase todas as indústrias, das mais importantes às de importância secundária, o patronato, a pretexto da baixa do custo da vida, impôs aos seus operários uma redução nos seus sempre parcos salários.

A ideia foi recebida hostilmente, como era natural. Para que ela não seguisse o seu curso a organização operária fez erguer o alarme e os sindicatos adestraram os seus setis filiados para a ofensiva, para a defesa da integridade dos salários.

Uma classe das mais humildes, por sinal das mais desconhecidas do bulusio sindical, secundou também esse movimento de defesa dos salários. Essa classe, a das chacineiras de Aldeagalea, como o patrónato pretendesse reduzir os salários, lançou-se então na luta — há três meses — e nela se conserva ainda, com um heroísmo digno de menção.

Das condições de resistência das grevistas fala um sentido apelo que na respectiva secção publicamos da Associação das Chacineiras. Ele é bem concluinte, ele fala bem do sofrimento das grevistas, da miséria que passa pelos seus humildes ladrões.

Tres meses de luta sem condições monetárias representa um gesto de abnegação, tanto louvável quanto é

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### O Xavier hipócrita

O Diário da Tarde, em obediência aos interesses inconfessáveis do director geral da Fazenda Pública, que o orienta, dizia ontem que no discurso do dr. Amâncio de Alpoim contra a criminosa administração do Banco de Portugal, andavam intuições contra o dr. Pinto de Magalhães.

do-se o primeiro «Homens do dia e Mulheres da Noite» e nela perpassam cinco figuras de grande interesse e de grande mistério: Raspútin, Mussolini, Raquel Meller, Lenin e Mata-Hari.

### Prevenção útil

A isenção e energia que nós temos empregado na nossa campanha contra os desmandos da administração pública e fraudes dos banqueiros vêm sendo justamente premiadas pelo opinião pública que nos aplaudiu. Não exigimos outro prémio. Outro indicio do êxito da nossa campanha é o grande número de cartas assinadas e anônimas que recebemos constantemente, prestando-nos esclarecimento preciosos. As informações anônimas pômolas de remissa e averiguamos, da sua veracidade. Somos contra o anonimato, combatemos de face a descoberto. Avisamos, pois, as criaturas que anônimamente nos informam, de que é conveniente em dar-nos informações, tratem connosco pessoalmente. Porque nesse caso sabemos guardar sigilo.

### História edificante

Contemos uma história edificante, à margem da história escandalosa do Angolo e Metrópole e do Banco de Portugal. E' sobre Banco Ultramarino que, muito quietinho vai azeitando as suas conveniências. Contemos: Certo dia apareceu na sede do Angolo e Metrópole um indivíduo muito conhecido nos meios bancários a fazer a oferta à direcção daquela casa de 6.000 acções do Banco de Portugal ao preço de 1.500 escudos. Mas depois de várias demarches ficou estabelecido reduzir 350 escudos em cada ação.

O Banco Angolo e Metrópole comprou essa lote de ações nas seguintes condições: metade do pagamento em dinheiro e o resto a 30 dias. O negócio não se realizou porque o vendedor não concordou com a forma de pagamento. O vendedor foi então oferecer as ações ao governo dizendo que A. e M. das Thas pagava a 1.500 escudos. O governo também não quis comprar.

Passados dias veio a averiguar-se que esse lote de ações estava com outros papéis de crédito, empregado no Monte-pió Geral e era pertença do Banco Nacional Ultramarino.

Edificante, hein?

### Perguntas inocentes

Permitam-nos, presados leitores, que saibamos de antemão que não obtemos resposta fazemos aqui algumas perguntas inocentes (Camacho):

Teria tido o sr. Camacho, em tempos neles, alguma relação com a ditadura Espanhola e que actualmente publica a D. C. a reportagem sobre a Rússia dos Sóvietes, de regresso a Portugal, fechou contrato com um conhecido editor do Pórtico para a publicação de uma série de volumes sobre o nome genérico de Memórias do Reportor X, onde se fixará a sua vida aventureira de reportor cosmopolita?

Os dois primeiros volumes dessa série publicar-se-ão ainda este mês, intitulando-

certo partir dum classe de mulheres que da vida associativa não possuem as mais rudimentares noções.

A situação das chacineiras de Aldeagalea, tão dignas da nossa so-

## Algumas considerações sobre a próxima Conferência Inter-sindical do Pórtico

Nos próximos sábado e domingo, realizam-se, afim, a ansiada Conferência Inter-sindical do Pórtico.

Se não fôsse a grande dose de preguiça que neutralizou lamentavelmente a vontade de muitos militantes que deveriam ser os primeiros a dar o exemplo, se não fôsse os graves erros de uns, que originaram o torpe levantamento da poeira de suspeções em que tentam envolver outros; se houvesse mais um poucochinho de amor pelas ideias de emancipação humana e menos prosápias nas disposições dos desprestigiosos individuais—certamente que a Conferência Inter-sindical já se teria realizado há muito, estando hoje a organização operária a sentir, salutarmente, os belos frutos dum boa leva a cabo...

Infelizmente as tricas personalistas de «galos» que se debatem, dando um aspecto ridículo à acção sindical; a rede de intrigas traíceiras dos que, não tendo ideias no cérebro, têm contudo estúpidas vaideses no jargão pessoal de alguns e na alma de outros instintos derrotistas para que o sindicalismo libertário, autonomista e federalista, desabe em proveito do alargamento político dos neos-eleiçoeiristas—não deixam que há mais tempo se efectuasse a reunião magna dos sindicatos e militantes do operariado do Pórtico.

Ao tanto meses de maturação, em que alguns fugiram aos seus compromissos tomados—vai-se, enfim, efectuar a tão longamente ansiada Conferência Inter-sindical.

Nós apetecemos que essa Conferência tanto necessária delimitasse uma nova época de despertar das energias adormecidas; nos auguramos que essa Conferência seja um explendoroso aurorar de ressurgimentos individuais e colectivos que impulsioneiam o regresso à saúde da organização operária e revolucionária!

Que a Conferência não marque pela abundância das teses a discutir, não há nisso grande mal, o que é, indispensável é que ela represente o inicio deslumbrador dum aperfeiçoamento de ética individual e sindical; é que ela signifique um feliz arranque de carácter e de convicção ideal

# O FORMIDÁVEL INCENDIO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS DE COIMBRA

A Câmara, responsável do sinistro, descansa sobre a impunidade

COIMBRA, 4.—Continua sendo o assunto de todas as conversas, o incêndio que na madrugada de 1 destruiu por completo o edifício dos Correios e Telégrafos.

A local de *A Batalha*, noticiando o sinistro, tem sido apreciadíssimo pela sua imparcialidade e, mórtem, pelas justas recompensas que faz à vergonhosa atitude mantida pela imprensa local em face do conflito existente entre a Câmara Municipal e o seu corpo de bombeiros.

A opinião pública é unânime em atribuir à Câmara todas as responsabilidades do sinistro, pela desastrosa solução dada ao conflito dos bombeiros. Para que os leitores avaliem a justiça das nossas palavras, tornando a Câmara responsável pelas consequências do incêndio, transcrevemos de *O Diário de Notícias* de 3, o seguinte periódico do seu enviado especial:

O último incêndio, o de ontem, está constituindo o assunto obrigado a todas as conversas, sendo quase unânimes os comentários desgostados a uma "política bombeira" que últimamente se desenrolou nesta cidade, da qual resultou serem retirados do serviço activo 24 bombeiros municipais. Em vista disso, há pouco mais de uma dúzia prontos a comparecer nos fogos, valendo, por assim dizer, a Coimbra, os desnudos esforços da corporação dos bombeiros voluntários. Conimbricenses e não conimbricenses, lamentam justificadamente este estado de coisas, afirmando que, se tal mal não existisse, o fogo de ontem não teria tomado tão grande incremento.

Quando se deu pelo incêndio uma telefonista comunicou imediatamente para a Inspeção de Incêndios, pedindo socorros, não obtendo resposta. Só muito depois dos bombeiros voluntários terem montado o serviço é que compareceu o material da Inspeção.

Porque tanta demora? Porque antes da existência do conflito o piquete de prevenção durante a noite era composto por quatro homens, que se revejavam junto do telefone, para atender a qualquer chamada. Hoje, esse piquete é feito por dois homens apenas, bombeiros de fresca data, e que, por conseguinte, quando reclamaram socorros... deviam estar dormindo!

Apoz o alarme de fogo, um grupo de populares, num desejo muito natural de auxílio, foram à estação n.º 1, junto ao quartel de G. N. R. buscar uma bomba e mais material dos municipais, tendo arrombado a porta, devido a não estar pessoal algum de piquete.

Pois esse material jazeu abandonado junto ao incêndio, por não haver quem trabalhasse com ele!

Julgamos estes factos muito mais que suficientes para demonstrar que os bombeiros expulsos fizeram enorme falta no ataque ao incêndio.

E que tem feito a câmara ante esta grave conjectura?

Já daria providências a evitar-se de futuro a repetição de calamidades como esta?

Já deu qualquer satisfação à população sobre este melindroso caso?

Nada! Para a câmara, parece que tudo tem corrido no melhor dos mundos, que nadou de anormal se passou!

E, contudo, ela não ignora que toda a população está possuída dum surda indignação contra a sua obra.

A não ser que esteja confiada na demasiada passividade deste povo que tudo tolera.

Mas... que se acante! Que o povo de Coimbra já tem demonstrado de sobra que, se é grande a sua paciência, também a sua cólera é enorme quando se dispõe a vir à ruas pugnar pelos seus direitos!

Em nosso entender, o povo devia já comparecer em massa na próxima sessão camarária, na quinta-feira, na qual serão distribuídos os pelouros à nova comissão administrativa, e, ai, impõe-se, exigindo da parte dos senhores vereadores um pouco mais de respeito pela segurança e pelas vidas dumha população inteira.

Impõe-se o povo, trate de directamente fazer valer os seus direitos e veremos depois se o processo não dá resultado...

O pessoal dos correios esforça-se pela normalização dos serviços

Os serviços de correio podem considerar-se normalizados. Já hoje foi restabelecido todo o serviço de registos, vales, encomendas, etc.

A distribuição de correspondência também já hoje foi feita da forma do costume.

O serviço telegráfico tem melhorado sensivelmente, contudo-se que por estes dias fique completamente normalizado.

Como já dissemos, todo o serviço de correio está instalado no edifício da Associação dos Artistas, onde se expedem também os telegramas, apesar do telegrafo estar funcionando numa dependência dos Paços do Concelho.

O serviço telefónico é que é de mais difícil normalização, sendo natural que nestes primeiros meses estejamos privados de telefones. Esta demora depende, porém, da chegada de aparelhos encomendados no estrangeiro.

E' digno dos maiores encômios todo o pessoal dos correios, especialmente guarda-fios, pelo trabalho extenuante que têm tido nestes últimos dias, tendentes à rápida normalização dos serviços.

No incêndio alguns guarda-fios ficaram prejudicadíssimos pela perda de objectos de valor, que foi impossível salvarem-se. Assim, alguns perderam ferramentas de carpinteiro, que hoje são caríssimas. Também se perderam três "bicicletas" e uma capa de boracha.

Era justo que a administração dos correios indemnizasse estes seus humildes funcionários, que apenas do seu salário vivem, e que, se tinhão no edifício aqueles objectos, era para melhor desempenho da sua arriscada missão.

Contamos que, pela justiça que encerra, este apelo seja atendido, o que só honrará os funcionários superiores dos correios.

A baixa vingança exercida sobre o correspondente de *O Jornal do Bombeiro*

Sobre a notícia que demos da prisão do operário José de Almeida, correspondente de *O Jornal do Bombeiro*, temos a confirmar em absoluto as nossas palavras, atribuindo aquela prisão a uma mesquinha vingança do inspector de incêndios, capitão Albuquerque.

Como o correspondente daquele jornal tem atacado a atitude mantida pelo inspector ante o conflito camarário, atribuindo

## A polícia em foco

### Um acto canibalesco

Mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi

mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem, operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da

&lt;p

## Uma picaresca sessão de posse da nova editadade portuense

Impulsionada pela pressa da escalada às funções editárias, a nova vereação ultimamente «chapelada» tomou, no sábado pretérito, conta do Capitólio Municipal do Porto.

A assistência, regular, era composta dos amigos, pessais e campanários dos diferentes fioscos, dos empregados disponíveis do excelente município de um ou outro curioso que tem necessidade de despoliar o fôlego com estes divertimentos de sessões de posse, onde as palavras de elogios mútuos fazem bateladas com os mal refeitos despeitos...

A sessão decorreu verdadeiramente picaresca—embora a maioria democrática-social lhe procurasse dar um cunho de certa solemnidade grave.

Houve risos... a pontos de um dos discursantes vereadores declarar que o momento não é para chacotas, mas para cunhar a sério do Município e da Nação, pelos quais se sacrificam muitíssimos os eleitos do povo.

O representante da esquerda democrática, que, apesar de concordar que todos estavam a infringir os preceitos legais, sempre foi assinando também o seu «compromisso de honra»—declara perentoriamente que, na preparação das tripas da panela das comissões, nenhum dos seus correligionários quer ser «feijão» ou «cenoura»: tendo os esquerdistas dado tão mal conta de si na vereação transacta, lavam agora as suas mãos e preferem ficar, na oposição, como simples «minhões», isto é: vereadores...

O dos radicais, por causa de qualquer «encenação», satisfaz-se em cumprimentar o novo presidente do Senado; e o das forças vivas, que conseguiram sair vereador devido à aliança com os democráticos, radicais e socialistas—esse fôlego sentir que a principal ação será em benefício especial do comércio e indústria, os quais têm posto os seus filhos misericordiosos...

Quanto à falangista marxista, um dos dois seus representantes limitou-se a censuras a ironia do antigo presidente do Senador defendendo, *ipso facto*, os seus amigos, «bonzos»...

E para que a cidade não suponha que a obra desta câmara vai ser... de se lhe tirar o chapéu, todos deixaram a impressão de que os tubarões burocráticos da Câmara vão ser postos no meio da rua, de que as negociações vão terminar, de que os tributos vão ser diminuídos, de que as roubalheiras das barreiras da ponte vão ser mais razoáveis, de que a iluminação vai ser feérica, de que vão ser metidas na ordem as Companhias das Aguas e da Carris, etc., etc...

Enfim, foi uma sessão camarária que valeu bem uma sessão de cinema...

E como não houve música, por as bandas regimentais não tocarem no sábado, o film terminou por «uma saudade» cordial ao venerando chefe do Estado...

Depois tudo debandou... a papar o falar do contentamento.—C.

## LIGA DOS AMIGOS DOS HOSPITAIS

A festa realizada no Monumental Club em benefício desta Liga, no dia 2 do corrente, esteve animadíssima e produziu uma receita bruta de esc. 4.400\$00 tendo sido todas as despesas cobertas generosamente pela sua direção. Tomaram parte os artistas D. Hermínia Reis, D. Maria do Carmo, tenor Armando Nascimento, Armando Augusto Freire e Abel Negro, que foram aplaudidos com entusiasmo.

No próximo sábado 9 do corrente realiza o Club Mayer a sua festa em favor da Liga estando a direção artística confiada ao sr. Rosa Mateus que capricha em tornar esta festa sensacional.

O comité executivo da Liga recebeu mais os seguintes donativos e adesões:

Samuel Lupi dos Santos Jorge, todo o vinho necessário para o consumo dos hospitais durante o ano de 1926, calculado em 40.000 litros.

Junta de freguesia do Monte Pedral, esc. 500\$00.

Da delegação do Seixal: Companhia das Águas Salus, fornecimento gratuito das suas afamadas águas; Rafael da Costa, Lisboa, 10 quilos de café moído; Custódio Lopes de Oliveira, donativo de 5\$00; Dr. José Valente Araújo, idem 10\$00; Manuel Joaquim de Oliveira, idem de 10\$00; Sociedade de Revendedores de Tabacos, Lda, cota anual de 50\$00; Santos & Viana, Lisboa, idem de 30\$00; Vicente Lucas de Vasconcelos, idem mensal de 3\$00.

## AGENDA CALENDARIO DE JANEIRO

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
T.	5	12	19	26	Aparece às 7,56
Q.	6	13	20	27	Desaparece às 17,30
Q.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	8	15	22	29	L.C. dia 14 às 2,1
S.	9	16	23	30	Q.M. 7 a 12,11
D.	10	17	24	31	L.N. 7 a 19,5
					Q.C. 7 a 21,8

## MARES DE HOJE

Prainha às 8,19 e às 8,50  
Baixamar às 1,21 e às 1,49

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	
Madrid cheque...	277	
Paris, cheque...	376	
Suíça, "	379	
Bruxelas cheque	389	
New-York, "	19560	
Amsterdão "	7890	
Itália, cheque...	779	
Brasil, "	293	
Praga, "	558	
Suécia, cheque...	526	
Austria, cheque	277	
Berlim, "	458	

## ESPECTÁCULOS

TEATROS  
São Carlos.—As 21,15—Os Homens de Hoje.  
Trindade.—As 21,15—Círculo Clube.  
Gimnasio.—As 21,15—Vida e Digna.  
Ipelo.—As 21,15—A Taberna.  
São Luís.—As 21,15—Montaria e a Canção do Olivaldo.  
Brenig.—As 21,15—O Pão de Ló.  
Eden.—As 20,50 e 22,45—Fungága.  
Rita Viúva.—As 20,20 e 22,30—Foot-Balls.  
Salão 30.—As 9,45—O Pirolo. Animatógrafo e Variedades.  
Cinema II Vicente (4 Grada) —Espectáculos às 3,45, sábados e domingos com matinées.  
Teatro Leopoldo—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS  
Tivoli — Olimpia — Central — Condes — Chiado — Terreiro — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

## LIMAS NACIONAIS

UNIÃO  
MARCAS REGISTADAS  
Único Tome Peterka, Ltda., fabricam em Lisboa  
4 qualidades com as melhores limas do Mundo.  
Experimentem, pois, as nossas limas que 3 a  
encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

So a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se conseguem em Portugal limas de qualidade  
igual ou superior a as que se compram em Portugal.

Único Tome Peterka, Ltda., fabricam em Lisboa

4 qualidades com as melhores limas do Mundo.

Experimentem, pois, as nossas limas que 3 a

encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

Enfim, foi uma sessão camarária que valeu bem uma sessão de cinema...

E como não houve música, por as bandas regimentais não tocarem no sábado, o film terminou por «uma saudade» cordial ao venerando chefe do Estado...

Depois tudo debandou... a papar o falar do contentamento.—C.

## HORARIO DE TRABALHO

### As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu prego avulso de 5\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

Última sessão da Liga dos Amigos dos Hospitais.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu prego avulso de 5\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

Última sessão da Liga dos Amigos dos Hospitais.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu prego avulso de 5\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

Última sessão da Liga dos Amigos dos Hospitais.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu prego avulso de 5\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

Última sessão da Liga dos Amigos dos Hospitais.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu prego avulso de 5\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

Última sessão da Liga dos Amigos dos Hospitais.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu prego avulso de 5\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

Última sessão da Liga dos Amigos dos Hospitais.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu prego avulso de 5\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

Última sessão da Liga dos Amigos dos Hospitais.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu prego avulso de 5\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

Última sessão da Liga dos Amigos dos Hospitais.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu prego avulso de 5\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

Última sessão da Liga dos Amigos dos Hospitais.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu prego avulso de 5\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

# A BATALHA

Ao apelo a favor das chácineiras em luta com o patrônio há cerca de 4 meses, deve corresponder imediatamente todo o proletariado.

## Luta porfiada dos têxteis indianos contra a redução dos salários

O operariado têxtil de Bombaim vive em piores condições do que o operariado de qualquer outro centro industrial da Índia. Nem sequer disfrazo o regime de trabalho normal e a forma de pagamento do salário constituem motivo de odiosa especulação dos capitalistas. Sendo admitido numa fábrica o operário só começa recebendo salário ao fim de seis semanas, e apenas a quantia correspondente a um mês de trabalho. Desta maneira, os patrões conservam sempre em seu poder a quantia que corresponde a duas semanas de trabalho, assim criando o operariado uma situação desfavorável.

O alojamento também serve de pretexto à especulação dos industriais. Uma família numerosa, composta, às vezes, de dez pessoas, mora quase sempre em um único compartimento. Estes alojamentos são dados aos operários pelos capitalistas, que, assim, possuem uma traqueira arma para inutilizar qualquer resistência que os operários tentem contra a sua pessima situação econômica.

A mortalidade é devastadora—médias de seis por cento sobre os adultos e de oito por cento sobre as crianças. E como se não bastasse a gravidade desta situação, os patrões reduzem, na primavera de 1924, os salários de vinte por cento. Os operários resistiram a esta extorsão, mas a sua resistência foi aniquilada, após três meses.

A falta de organização sindical e o desconhecimento dos métodos revolucionários da luta econômica embarga e, muitas vezes, inutiliza os esforços das classes que lutam.

A pesar destas faltas, o operariado de Bombaim nunca afoixou a resistência. Há meses, os patrões da indústria têxtil tentaram reduzir novamente os salários de onze e meio por cento. Como resposta, o operariado proclamou imediatamente a greve geral.

Desde 15 de Setembro, encontram-se fechadas 84 fábricas e um efectivo de 250.000 têxteis se pretendem agora em porfiada luta contra a pretendida redução. Os grevistas têm abandonado, em massa, os alojamentos que lhes são concedidos pelos capitalistas; outros foram de expulsos, sob o pretexto de não pagarem as rendas. Logo no primeiro mês de greve, haviam saído de Bombaim para as vilas próximas três quartas partes da totalidade dos trabalhadores têxteis.

A data das últimas notícias, recebidas em Dezembro, a luta continuava com ardor. As autoridades procuram dificultar a recepção e distribuição de grandes donativos enviados por organismos sindicais de diversos países.

## Secção Telegráfica

### Federações

#### MOBILIÁRIA

**Sindicato do Porto.**—Digam com urgência se querem só as cadernetas, ou também selos e verbetes, e quantos.

**Cesteiros de Gonçalo.**—É conveniente informarem do que passa.

#### O apelo da A. I. T. pró-anarquistas búlgaros

Chegou-nos a primeira resposta ao apelo que aqui publicámos, em que a A. I. T. pedia solidariedade para os anarquistas búlgaros que sofreram as atrocidades dum país que implantou o crime como principal instrumento político da sociedade predominante. Essa resposta veio-nos do Sindicato dos Trabalhadores de Graça do Divor. Os componentes daquele organismo rural, reunidos em sessão resolveram enviar um protesto ao consulado da Bulgária contra os crimes praticados pelo governo do país que representa. No final da sessão foi feita uma "quente" pró-anarquistas búlgaros que rendeu 10\$50.

#### O ALMANAQUE DE "A BATALHA"

O Almanaque de "A Batalha" para 1926 é de indiscutível interesse para os militantes operários e de utilidade manifesta nas bibliotecas de todos os sindicatos. Nas suas 192 páginas encontra-se, além de tudo quanto é imprescindível num almanaque, matéria muito interessante e útil para a organização operária. O ensaio de Alexandre Vieira, que o autor intitulou "Subsídios para a história do movimento sindicalista em Portugal", é um trabalho cuja necessidade há muito se reclamava. A história do movimento operário desde 1908 a 1919 está condensada, registada com verdade e imparcialidade e servirá de base a uma futura desenvolvida história sobre o movimento operário português. As centenas de esferides operárias de 1919 a 1925 são como que o complemento do estudo de Alexandre Vieira, isto é, são como que a continuação da história do movimento sindicalista até o momento presente. Essas esferides recordam os factos mais importantes ocorridos de fevereiro de 1919 a junho de 1925 servindo de proveitoso guia a quem venha a abalancar-se a fazer a história do nosso movimento operário.

O presente número do Almanaque de "A Batalha" vem confirmar a necessidade, sentida por muitos, mas só agora satisfeita, dumha publicação em que anualmente se registassem os factos mais importantes da vida sindical em Portugal.

Pena foi que essa aspiração só este ano pudesse ter sido realizada, porque a acumulação de matéria que imperiosamente devia figurar no primeiro almanaque prejudicou de certo modo o desenvolvimento que muitos dos factos ocorridos mereciam. Era preciso um grande poder de síntese para coordenar nas suas 192 páginas toda a vida operária de sete anos, e isso foi satisfatoriamente atingido no Almanaque de "A Batalha" para 1926.

Que o Almanaque de "A Batalha", iniciado este ano, é uma publicação necessária e desejada, é do a procura que o 1.º volume tem tido; e como dele se fez uma tiragem reduzida, aos morosos lembrações, para seu interesse, a conveniência de o mesmo imediatamente à nossa administração.

## Um mestre de obras ganancioso ocasiona a morte de dois operários e ferimentos gravíssimos a outros dois

PORTO, 5.—A história triste do Trabalho acaba de sofrer mais uns salpicos de sangue... embora um pouco das responsabilidades... idoloroso é confessá-lo... vá para as próprias vítimas...

A tragédia é fulminantemente simples: quatro operários, António Rodrigues da Silva, Manuel Leite Pinho, António Seabra e Francisco Salgueiro—trabalhavam em cima dumha prancha, à altura de dois andares dum dos edifícios em construção na rua das Valas.

Outros trabalhadores guindavam para as águas furtadas uma grande pedra já lavrada. Ai pelas alturas das 15 horas e pico, o cão partiu-se e a pedra foi derrubar a prancha e esmagar os desditos pedreiros que nela angariavam o pão cotidiano das suas famílias...

Pela forma como os tratam, estão absolutamente convencidos, quanto a nós, que nelas existe profundamente acentuada a tendência para a vida pacífica e sociedade, e que só em casos muito excepcionais, depois de ferozmente fustigadas e vilmente espinhadas, é que se decidem a travar uma luta de vida ou de morte com os seus implacáveis alvos.

E se não pensassem assim, como se atreviam elas a cometer a série interminável de crimes e de abusos, que a têm a hora estendida?

Não houve telefones, telegáficos, rádios que fizessem aparecer, veloz, um desses carros de socorro...

Um automóvel que passava, conduzindo gente rica, não obedeceu aos sinais de paragem: os vestidos, as roupas finíssimas dos capitalistas não se podem manchar com sanguine plebeu derramado pelos desastres horripilantes do trabalho...

Só houve este recurso supremo: pegar nos quatro infelizes e atirá-los para cima dum saco de sal que uma camionete carregava—como farraps humanos sem importância, como cães réprobos a insuas rãs.

E depois? E depois... a morte horrível de António Rodrigues e António Seabra, e o emocionante sofrimento, na sala das Observações do hospital da Misericórdia, das outras duas vítimas em perigo de vida...

E depois... a averiguação revoltante de que o terrível desastre fôr devido à odiosa ganância do mestre de obras José Xavier de Barros, o qual, tendo em pouca conta a vida dos trabalhadores, tinha ao serviço material deteriorado: um cabo ameaçando ruína e que já de manhã fôr emendado na previsão de um desastre... A tarde, rebentou, originando a tragédia... O referido cabo lá ficou na polícia, todo podre, a abrir-se por todos os lados...

Além do público, a própria autoridade policial reconhece que o sinistro fôr culpa do desleixo e da ganância do citado mestre. O desleixo e a ganância do explorador, que lugam ao dar-se o desastre, é condenável—mas condenável também—sejamos fracos—é o idêntico desleixo do proletariado que não toma emenda com estes tristíssimos, funestíssimos exemplos de todos os dias.

Se o proletariado tivesse um pouco de cuidado consigo mesmo; se tivesse uma melhor noção dos seus direitos—certamente que se recusaria a trabalhar em tão péssimas condições de segurança como o fazem os desastres ocorridos em diminutíssima, rara percentagem. Mas como é o primeiro a despresar a observância da segurança do trabalho, resulta que as tragédias do trabalho são sucessivas a ensanguentar a sua trágica história...

## SOLIDARIEDADE

### Pró-Casimiro Firmino

Como estava anunciado era no próximo dia 9 que devia realizar-se a festa em benefício deste camarada, que há longos meses se encontra impossibilitado de angariar os meios necessários para se manter bem com a sua família.

A comissão, por motivos imperiosos, vê-se obrigada a comunicar aos camaradas que a festa não se realiza, ficando à consciência dos camaradas que ainda não prestaram contas dos bilhetes fazerem-no o mais breve possível porque este camarada está bastante necessitado.

Mais se previne os camaradas que querem contribuir semanalmente, que se encontra uma lista na sede do S. U. do Mobiliário, travessa da Águia de Flor, 16, 1.º.

Ainda conserva a oferta de 12\$000 o correto de fato preto que o nosso camarada Félix António Fernandes ofereceu para ser vendido pelo maior lance revertendo o seu produto para os presos por questões sociais.

Se durante esta semana não obtivermos oferta superior será entregue por aquela quantia.

## CRISE DE TRABALHO

### Conserveiros de Peniche

O Sindicato dos Conserveiros de Peniche sabendo de que andam na sua localidade algumas criaturas pedindo trabalho para diversos soldadores do Algarve, extraña que estes se não tivessem dirigido ao sindicato pois só este poderia dizer se havia ou não lugares.

O mesmo sindicato avisa todos os soldadores do país para não irem procurar trabalho a Peniche visto ali já existirem, devido a crise, soldadores sem colocação.

### Pintores da Construção Naval e Anexos

Na assemblea ultimamente realizada, como meio de obviar à grande crise que a classe vem sofrendo, foi resolvido que de futuros os sindicatos e federados não trabalhem com os que o não sejam.

Também a comissão administrativa reuniu e resolveu convidar todos os associados a inscreverem-se na lista dos sem trabalho a fim de se lhes arranjar colocação. A comissão protestou contra a atitude do mestre António Torcato que deslocou 4 sindicatos de bordo do Pangim só porque aqueles não eram de sua simpatia, isto depois de conhecer os trabalhos realizados pelos delegados sindicais e delegados da F. M para execução do novo regulamento de trabalho.

## A FALETA NECESSIDADE DA EXISTÊNCIA DUM GOVERNO

## A convicção que da capacidade das massas têm as classes exploradoras

Em geral todos aqueles que têm qualquer privilégio a defender, ou supõem vir a tê-lo, dentro da sociedade actual, não se cansam de afirmar que é absolutamente necessário a existência dum poder que, por meios adequados, mantenha em respeito a "besta popular", porque, o dar-se largas aos seus "instintos de ferocidade", representaria a subversão da civilização presente.

Contudo, não obstante tal afirmação, na prática todos os defensores do regime capitalista comportam-se de forma a demonstrar que têm uma ideia muito diversa desse "instinto feroz" das massas populares:

Pela forma como os tratam, estão absolutamente convencidos, quanto a nós, que nelas existe profundamente acentuada a tendência para a vida pacífica e sociedade, e que só em casos muito excepcionais, depois de ferozmente fustigadas e vilmente espinhadas, é que se decidem a travar uma luta de vida ou de morte com os seus implacáveis alvos.

E se não pensassem assim, como se atreviam elas a cometer a série interminável de crimes e de abusos, que a têm a hora estendida?

Se subsem que existia, realmente, a tal "fera" pronta a atirar-se ao primeiro provocador, como oussariam elas, por exemplo, elevar continuamente o custo dos gêneros de primeira necessidade, embora o poder de compra dos trabalhadores se conserve estacionário, não lhes permitindo assim acompanhar essa fantástica subida, que para elas representa a condenação à morte, lentamente, pela fome e pela con-

sumção?

E como teriam, também, a coragem, depois de terem os cofres a abarrotar de ouro, amassado com o ouro e com o sangue dos trabalhadores, fechar-lhes as portas das fábricas, e atirá-los à rua, negando-lhes talvez a vida?

E procedem desse modo porque estão absolutamente persuadidos que, a pesar das ultrajes, ainda é possível que as massas exploradas, pela sua mansidão natural, se conservem pacificamente à espera de melhores dias.

Portanto a burguesia e os seus lacaios na imprensa mentem conscientemente, quando dizem ser necessária a existência dum poder que refreie os impetos brutais da "besta popular" e quando tal afirmam, pretendem simplesmente ter sempre prontos a sua disposição contingentes de força armada, que lhes permitam roubar e tripudiar a vontade sempre com as costas queixadas para o caso—bastante raro—de contra elas se revoltarem as populações martirizadas.

Mas com isto que estamos expondo não queremos fazer de forma alguma o elogio da passividade das massas, porque sabemos muito bem que se realmente existisse a tal "fera" sempre pronta a saltar, assim que a picasssem, a humanidade viveria a estas horas muito mais feliz.

Desejamos simplesmente chamar a atenção para o facto de que o povo trabalhador, a pesar de todos os maus tratos e privações sofridas, só muito raramente é que recorre à violência, para se defender, ou tomar a ofensiva; e por conseguinte numa sociedade em que fossem igualmente respeitados os direitos à vida de todos os seus membros, com mais forte razão se entregaria elas a uma vida de paz e sociedade, não precisando portanto de freios, nem de governantes para o meterem na ordem.

### A. B.

## Famílias dos deportados e presos

Pedem-nos que convidemos as famílias dos presos e dos deportados a reunirem-se, às 20 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.º, para assunto muito importante e imediato.

## Viúvas e órfãos de bombeiros

### O sarau a seu favor, no Coliseu dos Recreios

O nosso público, sempre ansioso de assistir a bons espetáculos e também sempre pronto a concorrer para obras beneméritas e altruístas, tem secundado da maneira mais cativante a excelente iniciativa da comissão do sarau que hoje se realiza no Coliseu dos Recreios a favor das viúvas e órfãos de bombeiros municipais. Realmente nunca uma festa de beneficência despertou maior interesse, sendo a procura de bilhetes verdadeiramente extraordinária, e se não fosse a vastidão da magestosa sala de espetáculos, impossível seria atender uma parte dos pedidos endereçados à comissão.

O programa é deveras sensacional, pois além dos emocionantes saltos da cúpula para a pista pelos arrojados bombeiros municipais José António Barbosa e António Martins Moreira da Silva, haverão exercícios com pesos e alturas, pelo atleta sr. Virgílio Fernandes; patinação artística, pelo desportista sr. Germano de Magalhães e a sua discípula "mademoiselle" Clara Bermudes; argolas, pelos amadores srs. Manuel Vassalo de Araújo e Daniel António Lopes, e jôgo de pau pelo professor sr. Joaquim Ramalho, e o seu discípulo sr. Joaquim Ramalho, todos do Lisboa Gimnásio Clube.

Os engrádicos "clowns" Martinettes e Atalayas executarão dois intermédios cómicos, que vão produzir permanente hilariade.

Dos nossos artistas dramáticos tómam parte, entre outros, as actrizes Cremilda de Oliveira e Luisa Satana e os notáveis comediantes José Alves da Cunha e Alexandre de Azevedo que gentilmente dão o seu valiosíssimo concurso ao benfeitor especial.

A Companhia Carris de Ferro, ao terminar o espetáculo, terá carros no Rossio e praça dos Restauradores para todos os pontos da cidade, o que representa uma enorme comodidade para o público, visto a festa terminar depois da hora normal.

Os retardatários não devem demorar-se a requisitar bilhetes, visto já poucos restarem e poderem ainda hoje ser reclamados no quartel de bombeiros da avenida Presidente Wilson, das 12 às 17 horas, ou pelo telefone 339 Trindade.

## AS GREVES

## Um apelo da Associação das Chácineiras de Aldeagalega em favor das heróicas grevistas

O heróico movimento das chácineiras de Aldeagalega, iniciado há mais de 3 meses, prossegue corajosamente com o ardor do primeiro dia. Mas se às grevistas não lhes falta energia para lutarem, falta-lhes, contudo, os meios de subsistência para viverem, pois há muitas semanas que não recebem um centavo.

Para que esta luta possa manter-se, para que as valorosas mulheres possam levar até ao fim o seu movimento que tem assombrado os mais preparados para estes grandes lances que são as greves, a Associação de Classe das Operárias Chácineiras de Aldeagalega pede-nos a publicação do apelo abaixo inserido, o que gostosamente fazemos:

A greve das chácineiras de Aldeagalega, iniciada há mais de três meses com invigilante coragem, que muito dignifica uma classe, prossegue corajosamente. Se as grevistas se decidem a travar uma luta de vida ou de morte com os seus implacáveis alvos, é que a têm a hora estendida, e que se decidem a cometer a série interminável de crimes e de abusos, que a têm a hora estendida.

Se a classe operária, se os trabalhadores de todo o país desejem evitar que as 900 grevistas se rendam amanhã por terem fome, não façam demorar o seu óbulo, não esperem para amanhã, podendo hoje enviar o seu auxílio.

Todos os donativos e qualquer auxílio deve levar o seguinte endereço:

Associação de Classe das Operárias Chácineiras—Aldeagalega.

## FESTAS ASSOCIAТИVAS